TIAGO CORREIA
ENTREVISTA

SARA CORREIA

JOÃO DOMINGOS
ENTREVISTA

MARCO RODRIGUES

8ª EDIÇÃO | JUNHO`25

FADISTA

www.fadocale.pt

RETRATOS DE FAMÍLIA
DIOGO CLEMENTE

JOÃO FERREIRA ROSA
POR RICARDO DIAS

PAREDES-MEIAS

FESTIVAL AMÁLIA RODRIGUES

FACALE DO

JORNAL DO FUNDÃO

fundão
365 dias à descoberta

United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

CASAS E LUGARES DO SENTIR
FUNDÃO

CASA DO BARRO _ TELHADO
CASA - MUSEU D. ILDA VALENTIM _ SILVARES
CASA DAS TECEDEIRAS _ JANEIRO DE CIMA
CASAS DOS OFÍCIOS _ SOUTO DA CASA
CASA DAS MEMÓRIAS DE ANTÓNIO GUTERRES _ DONAS
CASA DA POESIA DE EUGÉNIO DE ANDRADE _ PÓVOA DE ATALAIA
CASA DA ROMARIA DE SANTA LUZIA _ CASTELEJO
CASA DO MEL _ BOGAS DE CIMA
CASA DO BOMBO _ LAVACOLHOS
CASA DA PASTORÍCIA _ SALGUEIRO – TRÊS POVOS
CASA DA CEREJA _ ALCONGOSTA
CASA DO BARQUEIRO _ JANEIRO DE CIMA
CASA DO QUEIJO _ ORCA

CENTRO **UNESCO**

www.visitfundao.pt

www.cm-fundao.pt

A CASA DE FADO

LABORATÓRIO E LOCAL DE CULTO POR EXCELÊNCIA DOS FADISTAS

por
Sara Paixão

Os fadistas são músicos de sorte, se nos compararmos a músicos de outras áreas musicais, uma vez que nos é dada a possibilidade de tocar e cantar todos os dias da semana para praticar a nossa arte nas Casas de Fado.

É com o treino diário que evoluímos nesta arte e as Casas de Fado são o local onde podemos experimentar, praticar e consolidar conhecimento! No fundo somos como um atleta profissional que treina, faz estágios, de forma a consolidar a aprendizagem para posteriormente a colocar em prática. Só que nós, fadistas, ao mesmo tempo que treinamos colocamos em prática pois fazemo-lo diante do público, o que adiciona uma certa adrenalina ao momento.

Quando falo na Casa de Fado como laboratório é no sentido experimental da coisa, como quem tem a oportunidade de pôr a sua criatividade em ação ao experimentar diferentes métodos nos diferentes tubos de ensaio e ver o resultado das suas experiências no momento. Quero com isto dizer que quer sejamos músicos ou cantores podemos experimentar repertório, testar novas soluções interpretativasem cada dia, fazendo-nos aprender, mais não seja pela tentativa erro! Sempre com a responsabilidade de que estamos não só a representar o Fado enquanto estilo musical, mas também a casa onde estamos a atuar naquela noite ou momento.

Depois temos o culto. O convívio em ambiente fadista, poder ouvir os colegas, partilhar histórias, experiências e ouvir os mais velhos ou experientes a darem "dicas" é fundamental para o nosso crescimento artístico e é a pedra basilar do Fado, ora não fosse ele uma tradição oral! É através destas vivências que nascem relações de companheirismo e amizade, parcerias musicais e nascem novos poemas e canções enriquecendo o Fado como estilo de música.

Todavia, nos dias que correm há algo que me vai inquietando: a subserviência ao turismo de massas!! Que as Casas de Fado contam com uma grande fatia de espectadores turistas não é novidade e todos nós nos alegramos com o interesse internacional, o que me preocupa é a crescente modificação da forma como o espetáculo, em Casas de Fado, é apresentado por conta de agradar ao turismo, como se para vendermos mais pastéis de nata tivéssemos que alterar a receita de forma a agradar toda a gente.

Tenho um sério receio que esta atitude comercial nos vá roubando a identidade e que torne o Fado um produto exclusivamente turístico. Penso que se tal acontecer, todos ficamos a perder porque a canção que é Património Imaterial da Humanidade, identidade cultural de um povo, ficar rotulada como entretenimento para turistas é um adjetivo que nenhuma arte gosta de receber. É, portanto, fundamental a preservação da Casa de Fado como local de culto não só para a sobrevivência como para a evolução desta arte. Atentem!! O Fado não se aprende no ensino tradicional, tem uma escola própria que como referi são as Casas de Fado e o meio fadista!

Termino com esta reflexão, para todos os que me leem: tratem bem das Casas de Fado que são locais de culto e não meros restaurantes/casas de espetáculo de música ao vivo, senão corremos o risco de condenar esta arte tão singular a mera atração turística, vazia de conteúdo e de alma.

Viva o Fado e a Casa de Fado!

FICHA TÉCNICA

Edição: Fado Cale e Jornal do Fundão
Diretor Jornal do Fundão: Nuno Francisco | Coordenação: Leonel Barata
Design e paginação: Francisca Aranda e Diogo Pinto
Textos: Sara Paixão, Tiago Correia, Sara Correia, Diogo Clemente, Manuel Marçal, Ricardo Dias, João Domingos. Secção de Coimbra: João Carlos Oliveira convida Jorge Cravo
Revisão: Leonel Barata e Teresa Fonseca
Tiragem: 8000 exemplares | Impressão: Grafisol | Encarte comercial com Jornal do Fundão
Contactos: Jornal do Fundão | Rua dos Restauradores, L. 14, Loja 1 r/c, 6230-496 Fundão
Telefone: 275 779 350 | Email: redaccao@jornaldofundao.pt | www.jornaldofundao.pt

ÍNDICE

Entrevista Sara Correia 04
Retratos de Família 10
Fados no Parque 12
João Ferreira Rosa 14
A Canção de Coimbra 16
Entrevista Marco Rodrigues 18
Festival Amália Rodrigues 23

Tiago Correia
entrevista **Sara Correia**

Sara, o Fado sempre foi o caminho para encontrares a tua Liberdade?
Desde pequena, o fado significa destino e desde pequena que o fado é o meu destino traçado. A minha liberdade é ser quem sou dentro do fado, eu mesma vestida de verdade.

O que é que tu encontras nas gerações mais antigas da música portuguesa que te inspiram? E o que encontras nesta nossa geração?
A geração mais antiga moldou o meu canto, moldou-me o bem dizer. As palavras são a meu ver o mais importante que o fado nos dá e os mais antigos têm isso tudo. O respeito pela palavra e a personalidade vincada em cada um deles!
A geração mais nova é uma nova roupagem, vive-se de outra maneira, outros costumes formas de ver a vida.
É muito interessante ver o antigo com o novo tudo junto. Todos me inspiram!

Consideras que o nosso percurso além das nossas próprias superações e desafios a que nos propomos deve se também muito às pessoas que estão do nosso lado nesse caminho? Como destacas a importância dos teus na construção desse caminho?
Tudo.
Ninguém se faz sozinho, a beleza da vida é termos pessoas em quem podemos confiar a nossa vida e os nossos sonhos.
A vida faz-se de altos e baixos e as pessoas que estão comigo não estão de braço dado comigo, estamos entrelaçados.
É um privilégio tê-los comigo.

Diogo Clemente, de que forma esta pessoa é uma luz imensa na tua história de vida?
O Diogo foi a pessoa que acreditou e acredita mais em mim do que eu própria. Fez-me ver a luz do meu valor.
Costumamos dizer que somos um por todas as razões.
A cumplicidade que temos dentro e fora do palco não se encontra em muitas vidas. Além de ser um músico excecional e um artista enorme, é um grande ser humano.

Crescemos todos os dias humanamente quando temos génios à nossa volta, como a tua banda e todos os poetas, compositores que norteiam a tua obra?
É muito importante e muito gratificante. Não tem preço poder tê-los a todos como parte da minha vida. É uma bênção e isso faz de mim, de dia para dia, uma melhor pessoa.

Quando é que a menina Sara, ainda jovem, percebeu que nunca se distanciaria do Fado como o seu modo de vida?
Nunca sei como responder a esta pergunta. Não me lembro do momento pois o Fado sempre fez parte de mim. Já desde que estava na barriga da minha mãe.
Foi o fado que me deu caminho, não eu que dei caminho ao fado.

Que fadistas te marcavam nesse tempo de menina quando deste os primeiros passos no Fado?
Foram vários.. para citar alguns: a Beatriz da Conceição, a Fernanda Maria, Maria da Nazaré, Lucília do Carmo e, claro, a Amália Rodrigues. Nos homens, Alfredo Marceneiro, Fernando Maurício, Carlos Zel... e tanto outros.

> *A menina que entrou pela primeira vez no então Pavilhão Atlântico para ver um espetáculo infantil não imaginava que agora seria ela a cantar ali.*

O que é que se encontra de tão raro e precioso em fadistas como a D. Maria da Nazaré, que tu admiras?
A raça. A urgência de cantar.
A entrega absoluta.

Os sonhos para serem alcançados têm uma grande dose de exigência, trabalho e foco! Nesse tempo os sonhos que tinhas levavam-te a imaginar para o que ao longo do teu caminho tens vivido, graças ao teu foco, à tua exigência, à tua vontade de fazer bem?
Sou ambiciosa, mas não desmedida. A minha ambição levou-me acreditar e essa é a minha palavra de eleição. Tudo se faz com trabalho e foco mas o mais importante é acreditarmos em nós com todas as forças.

Pela importância que tens para toda uma nova geração, que aconselharias a quem tem o sonho de construir o seu caminho?
Que seja verdade, que nunca se deixe ir por outro caminho se não o da verdade.
Que escute a voz que vem de dentro. Sem medo de julgamentos. Sê.
Acredita no teu fado pois essa é a tua fé.

O que te move numa poesia e numa melodia?
Na poesia o amor, do belo ao mais trágico. A melodia para mim pode ser qualquer uma desde que sinta a pulsação dela nas letras.

Cada disco teu, leva-nos para toda a tua dimensão humana, quando escutamos a tua obra compreendemos todos os lugares e todas as dimensões da tua vida! Será esse o maior propósito da arte, revelar as nossas dimensões e com isto dar a oportunidade do público se ligar com as suas?
Para mim sim. Jamais canto algo que não me faça sentido passar aos outros.
Torna-se mais fácil dividirmos as dores uns com os outros e essa é a magia da música; curar. É só dessa forma que quero cantar, para curar.

É gratificante para ti, cumprires a eterna paixão de cantar em todos os cantos do Mundo e assim representar a Música Portuguesa e o Fado?
Claro que sim! Sou muito feliz por levar o fado a cada canto do mundo.
E sou feliz a fazê-lo.
Farei até que a voz me doa.

O tempo e a tua experiência de vida vão te dando mais coisas para dizer através da tua obra?
Cada dia é uma aprendizagem, cada ano que passa mais madura. A idade dá-nos mais liberdade de escolhermos quem queremos ser e o que queremos dizer.
Portanto sim!

E além da tua banda estar de perto com génios como Carolina Deslandes ou Pedro Abrunhosa engrandece a tua visão e paixão pela vida e pelas coisas a dizer ao mundo?
Claro que sim todos os que passam na minha vida, os artistas com quem gravo engrandecem-me sempre, espero que a mim e a todos. É um enorme privilégio gravar os maiores.

Em Março de 2026 irás apresentar-te a solo no MEO Arena? Sentires que a tua voz e o Fado têm porta aberta na maior sala do país, não é a concretização maior de todos os teus sonhos de menina?
A menina que entrou pela primeira vez no então Pavilhão Atlântico para ver um espetáculo infantil não imaginava que agora seria ela a cantar ali. Acho que >

qualquer artista tem essa ambição, de um dia ser reconhecida ao ponto de se apresentar na maior sala do país. Mas vejo isso como mais um dos passos que dei na minha carreira. Um passo de enorme responsabilidade, mas que faço com uma enorme verdade.

O que é Ser Fadista?
É cumprir o meu destino.

Qual é o maior desafio para uma fadista ao estar no palco?
Manter a essência.

Em 2024 realizaste 80 concertos, 80 concertos onde deixaste a marca da tua alma em cada pessoa que te escutou. Qual o maior desafio emocional de se fazer 80 concertos num ano?
É bastante exigente e desafiante. Não são só 80 concertos, é subir e descer pelo País fora, nem sempre com as condições ideais, mais avião e muitas horas de viagem. Mas não me posso queixar. É uma verdadeira bênção ter esta aceitação e as pessoas vibrarem do princípio ao fim, seja com os fados tradicionais seja com as músicas que conhecem da rádio e da televisão. Aparecem muitas crianças e jovens que nunca tinham ouvido fado e que passaram a gostar. E isso é muito gratificante.

Cresceste nas Casas de Fado, que importância têm as casas de Fado para um fadista? O que é que lá se encontra que é mais difícil descobrir em qualquer outro lugar?
As casas de Fado são como a igreja do fadista. Só depois de passar por aí, de viver com propriedade o ambiente e o testemunho dos mais velhos é que nos podemos dizer fadistas. Hoje em dia, é-me difícil cantar em casas de fados porque não tenho tempo, mas sempre que acontece, é como voltar à essência, recarrego e vou.

De quando em vez e quando tens oportunidade, é te sempre especial voltar ao ambiente das casas de fado?
Sim, tem acontecido algumas vezes, mais em contexto de trabalho, mas de vez em quando volto. E é sempre especial.

Achas que nos últimos anos estes lugares de culto fadista têm tido muitas transformações?
Sinto que sim. Que mais não seja pelas pessoas que as frequentam, pela forma como vivem as casas de fado, pelos telemóveis em lugar dos olhos e do coração. Não é uma critica, só uma constatação. As pessoas deviam sentir mais, viver mais o momento.

Consideras que levas o coração de Chelas na voz, a alma das suas gentes e das suas ruas, em cada fado ou canção que interpretas?
É impossível não o fazer. Cresci ali, o bairro deu-me todas as ferramentas para ser quem sou hoje. Eu posso sair de Chelas, mas dificilmente Chelas sairá de mim.

Como é que o teu Bairro também foi marcante na tua história no Fado?
As pessoas falam muito de Alfama e do Bairro Alto ou da Mouraria como o berço do Fado. Chelas e os bairros da periferia podem não ser tão na moda, mas têm um papel fundamental na escola e no fado amador. As pessoas entregam-se verdadeiramente e fazem um grande trabalho a esse nível. A CLAF foi preponderante na minha história, não só como pessoa, mas como fadista. Quando bati à porta e o sr. Armando a abriu, abriu-se uma vida e uma oportunidade que não esquecerei nunca, por muitos palcos que pise.

Sentes que tens rompido fronteiras sobre a forma como se olha para uma artista nascida no Bairro, e que jamais se desliga do seu lugar?
Gosto de pensar que sim. Quando as pessoas me abordam no meu bairro ou me dizem que são do bairro x ou y e o fazem com orgulho já valeu a pena erguer a bandeira de Chelas. Eu sou do bairro e isso não me fez menos que qualquer um. É isso que quero mostrar a todos os que pensam que por serem do bairro não terão uma oportunidade de cumprir os seus sonhos. Têm e terão. Têm de trabalhar para isso, mas não é o bairro que castrará. Gosto de pensar que sou uma vela acesa para essas pessoas.

> *A forma como canto transparece sempre o que sinto. E isso é, ao mesmo tempo uma fragilidade, mas um enorme poder.*

A Liberdade precisa de ser dita, de ser sentida, de ser exposta em todos os tempos do mundo! E dizê-la é um ato de coragem e de amor! Sentes que a tua Liberdade, a forma como a expões e amas, poderá daqui a muitos anos ser observada na história, como uma marca e um símbolo do que é lutar por nós, por sermos livres e pelas nossas convicções neste tempo atual?
Não tenho essa expectativa. Apenas quero cumprir a minha verdade. se isso transformará os outros, melhor. Se daqui a uns anos, olharmos para trás e mantivermos o orgulho no nosso caminho, valeu a pena.

O amor salvará sempre em qualquer noite escura?
Sempre. Sem questão.

Carolina Deslandes compôs e escreveu o "Porquê do Fado". Cada vez que o interpretas há sempre algo de novo a acontecer, numa frase musical, numa palavra! Será essa capacidade genuína de fazer sempre algo diferente e especial um dos Porquês do Fado?
A forma como canto transparece sempre o que sinto. E isso é, ao mesmo tempo uma fragilidade, mas um enorme poder. É por isso que digo que canto a verdade. cantar as músicas que foram escritas especialmente para mim torna isto ainda mais autêntico. Sem artifícios.

E o que podemos esperar de novo, especial, mas sempre teu no próximo disco a ser preparado?
Está em construção. Ainda não posso adiantar muita coisa. Fiquem atentos!

Quais são os maiores desafios que se encontram em estúdio?
Encontrar caminhos que façam sentido e que me façam sentido cantar.

Na vida o que é que mais move a Sara Correia?
A verdade de ser quem sou.

Daqui a muitos anos como gostarias que fosse recordada a Sara Correia?
Sara Correia, a fadista!

O fado será sempre o mais altar da tua vida?
Será sempre o maior altar da minha vida, sem qualquer dúvida.

Sara Correia nasceu em Chelas, nos anos 90, num ambiente em que o fado fazia parte da vida quotidiana. Desde muito jovem percebeu a distinção entre cantar fado e ser fadista, algo que se consolidou com a vitória na Grande Noite do Fado, em 2006, aos 13 anos. Esse prémio abriu-lhe as portas da Casa de Linhares, onde aprendeu com mestres como Celeste Rodrigues e Jorge Fernando, e aprofundou o seu conhecimento através da audição de Amália Rodrigues, Beatriz da Conceição e Fernando Maurício.

Em 2018 lançou o seu álbum de estreia, "Sara Correia", que a projetou internacionalmente e lhe valeu distinções como os Prémios Play e o Prémio Revelação da Rádio Festival. Em 2020, com "Do Coração", afirmou-se como uma voz única no fado contemporâneo, com colaborações de autores como Luísa Sobral e António Zambujo. Este disco foi premiado como Melhor Álbum de Fado e nomeado para os Grammy Latinos, reforçando o seu reconhecimento global. Em 2021 e 2022 participou em eventos de destaque como o concerto inaugural da presidência portuguesa da UE e projetos de colaboração com artistas lusófonos e de outros géneros musicais. A sua versão de "Quero é Viver", tema da novela homónima da TVI, tornou-se um sucesso nacional.

O ano de 2023 marcou o lançamento de "Liberdade", um álbum profundo e pessoal produzido por Diogo Clemente, com contributos de artistas como Carminho, Carolina Deslandes e Pedro Abrunhosa. O tema "Chelas" evocou as suas raízes e tornou-se símbolo dessa nova fase artística. Nesse ano, estreou-se como mentora do The Voice Portugal, reforçando a sua ligação ao público.

Em 2024, Sara Correia confirmou o seu estatuto como grande nome do fado ao esgotar quatro Coliseus (Lisboa e Porto) e ao realizar a maior digressão da sua carreira, com mais de 80 concertos em Portugal e no estrangeiro. Lançou um dueto com Gloria Groove e anunciou a reedição de "Liberdade" com novas faixas e gravações ao vivo, consolidando a sua posição como uma das mais relevantes intérpretes da música portuguesa atual.

Sara Correia estreia-se, em nome próprio na MEO Arena a 7 de março de 2026, acompanhada pela sua banda - Diogo Clemente na viola de fado e direção artística, Ângelo Freire na guitarra portuguesa, Frederico Gato no baixo acústico e Joel Silva na bateria, num concerto que marcará a apresentação do seu quarto álbum, com lançamento previsto para o final de 2025.

TIAGO CORREIA é um fadista que tem traçado o seu percurso por uma vontade imensa de aprender com os mestres, suas referências, os porquês do fado, e de conhecer e cantar as suas vertentes mais tradicionais, nunca abdicando de construir o seu próprio caminho poético e musical enquanto letrista e compositor. Quem escuta Tiago reconhece uma alma antiga na sua voz e no seu canto, fruto das inúmeras referências que tem, como Fernando Farinha, António Rocha, entre outros.

Com mais de 15 anos de percurso musical, o fadista, agora com 28 anos, lembra com carinho cada dia que tem passado junto da sua paixão - o fado, destacando-se o programa Uma Canção Para Ti – TVI, 2009, ou o prémio Nasci Para o Fado que venceu na RTP, em 2010. Do Musical de Filipe la Féria, Fado História de um Povo, em 2010 e 2011, onde atuou diariamente no Salão Preto e Prata do Casino do Estoril, até às Casas de Fado, onde se estreou em 2014, foi um crescente de aprendizagens com quem mais admira, que lhe permitiu ainda 4 participações no Festival Santa Casa Alfama (2014, 2019, 2020 e 2021).

Em 2018 lançou o seu primeiro single Simples Lamento, com letra e música de sua autoria numa homenagem ao seu avô, sua maior referência de vida.

Em 2020 lança o tema O Fado que ainda canto, com poema escrito por si.

Em 2021, apresentou ao público Rua da Rosa, um poema seu, com música de Ângelo Freire. Este foi o primeiro single do seu primeiro disco E Decididamente que foi lançado em Outubro de 2021 e conta com produção musical de Ângelo Freire.

Também em 2021 participa em um dos espetáculos comemorativos dos 100 anos do nascimento de Amália Rodrigues, no Coliseu dos Recreios.

Em 2022 apresenta o seu disco um pouco por todo o país, destacando-se o concerto a solo na Casa da Música do Porto, em Novembro de 2022 inserida no Projeto dos Novos Talentos AGEAS. E estreia-se internacionalmente com um concerto em França.

Em 2023 passa a integrar o elenco do espetáculo "Os Putos do Fado", juntamente com outros fadistas da nova geração, num projeto da autoria de Ângelo Freire.

Em 2024, o fadista apresenta-se em Macau, numa série de 12 concertos no Teatro D.Pedro V produzidos pelo Instituto Cultural de Macau e atua também na Polónia. Em Fevereiro desse mesmo ano, torna-se Presidente da Associação Portuguesa dos Amigos do Fado, que investiga e promove o debate em torno do Fado, da sua história e da sua importância para as atuais gerações e as vindouras.

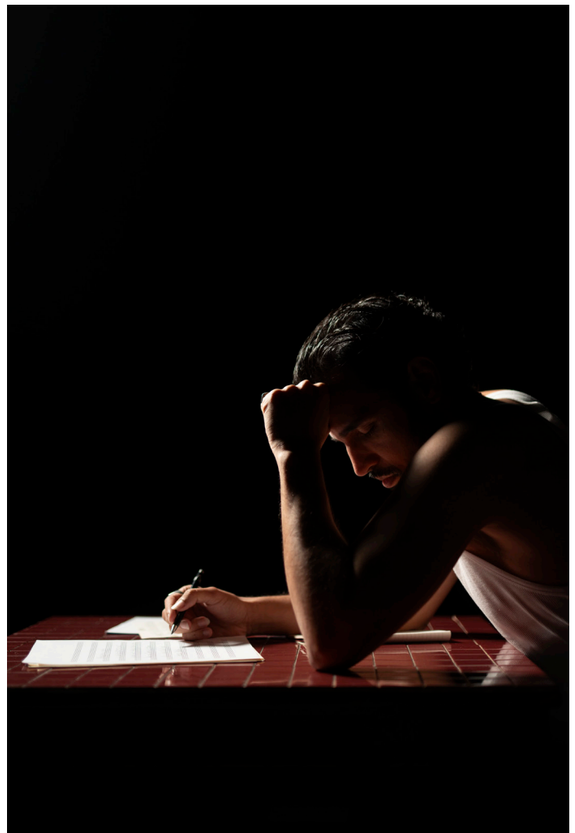
Em Setembro celebra os seus 15 anos de percurso artístico com dois concertos em nome próprio na Casa da Música Jorge Peixinho, no Montijo e ainda em jeito de comemoração dos seus 15 anos a cantar, passa a fazer a direção artística do Restaurante Traste Bairro Alto, onde durante 17 semanas, no coração de Lisboa, cantou e recebeu convidados do Fado, desde fadistas a músicos de diferentes gerações num projeto que sempre sonhou realizar e que recebeu centenas e centenas de pessoas ao longo das noites realizadas.

Em Maio de 2025 estreia-se como intérprete na Ópera "Belo é o Destino Desconhecido" que faz uma celebração ao Fado apresentada pela Sinfonietta de Braga, no Teatro Circo.

Retratos de Família

por Diogo Clemente

Tomava banho, vestia-me e perfumava-me ainda antes de o meu pai chegar. Quando ele chegava preparava-se, punha um perfume de homem da noite, ou pelo menos era a isso que me cheirava, todos os homens da noite tinham aquele cheiro misturado de perfume de pele e madeira com o tabaco que fumavam e a brilhantina do cabelo. Os abraços deles cheiravam a isso. Cheiravam a noite e a fado.
Eu tinha seis anos, cresci no fado e ele tinha um cheiro.
Fiz-me pessoa dentro disto. Nasci fadista, cresci aqui e nunca seria outra coisa. Porque a história da vida me prendeu a isso. Foi-me plantada todos os dias uma reza, uma paixão, uma coisa que se ama primeiro e que passa cá para dentro, que nos faz pensar, olhar, julgar, decidir, cantar, beber e comer de uma determinada maneira. É ser fadista.
Com dez ou onze anos saía para cantar e era uma reza. Quando as luzes se apagavam dizíamos entre todos "vai dar fado". Cada um fechava-se dentro de si e só abria a janela a quem canta e toca. Era como uma missa, silenciosa e tensa de entrega, de quem canta e de quem ouve.
Saíamos dali e seguíamos para os Ferreiras, com o Fernando Mauricio, o Miguel Ramos, o Pedro Galveias, o Ricardo Ribeiro, a Julia Lopes, a Pilar, o Dionísio, todos fadistas de mão cheia que deixavam o sangue na arena, com o Ti Adelino dos Santos e o Vítor Lourenço ou o Filipe Pinto filho a tocar. Era uma reza, intensa.

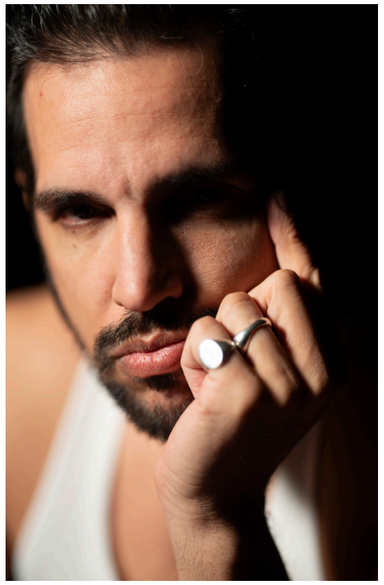


Fiz-me homem.
O fado fez-me músico, compositor e poeta.
Lisboa era dos fadistas e das casas de fado, dos taxistas e das bôites. O dia era de todos. A noite era nossa.

Começava-me onde tocasse ao cair da tarde e acabava de manhã, no Nelo ou noutro lugar qualquer onde estivéssemos, de mesa cheia, a cear às 4h da manhã pra seguir a tocar e falar, muito. A noite era misteriosa e dizia muitas coisas. Foi no fado que me apaixonei e me doeu o amor, que escrevi, que tive as sensações mais intensas da minha vida. As últimas memórias que tenho desta luz são da Mesa de Frades, em noites até de manhã com Carlos do Carmo, Camané, Carminho, Hélder e Pedro Moutinho, Raquel Tavares, Mariza, todos sentados, a cantar à mesa, com todos os melhores músicos, sem horas, sem ter que ir a qualquer lugar nem haver o amanhã. Nada era mais importante que sentir aquilo, sentir rasgar por dentro, não ter mão na dor e na angústia boa que era doer um fado. Cantar era e é um ritual, uma catarse, uma necessidade fisiológica e espiritual. O fado amarra-me os pulmões e toma conta de mim e de todos. Foi lá a minha última noite de fado intensa com a Beatriz da Conceição. Abrimos a porta da rua era meio dia. Era aqui que cada um se enchia de fado no saber e no sentir, onde se afinavam conhecimentos e sensações, onde o fado se polia só por ter o forno sempre quente. Era uma reza. É mais dono de mim que eu, literalmente. Entreguei o espírito e a saúde. Dá sentido à minha vida, é maior que tudo porque nada está em todas as coisas como ele.
O fado só chega a mim se eu deixar. Entra porque eu me abro a ele, porque me ponho a jeito de tomar conta de mim. E isso é ininterrupto, é um transe, uma meditação, um mantra, uma missa e uma reza. As noites só atingem a magia porque os fadistas e o público tiram tudo da frente e fazem tábua rasa à atenção e dão a vez à alma para receber o fado. A memória é talhada por este momento, fica cravada nas nossas células, conversamos sobre isto e cultivamos o fado. As diferentes gerações vivem juntas, com os mais novos a ouvirem e beberem dos mais velhos, a evolução a acontecer dentro dos códigos. Sempre foi assim. A beleza da tradição oral.
Mesmo antes de eu nascer havia uma frase inquestionável no fado - O fado nunca morre - era um tabu, não era um assunto, claro que não morre, transpirava por todos nós.
Agora dou. Não porque o fado morra. Mas por não ter vez.
Surgiu a revolução tecnológica e não há um momento fadista que não seja filmado, que não tenha um post ou um story a marcá-lo. De repente a memória é feita com sistemas de gravação e redes sociais. A hitec liga-nos ao mundo inteiro e desliga-nos por consequência, do que está aqui ao lado. Os telefones não filmam almas e vamos entrar e sair de um lugar sem ter vivido aquilo inteiramente. O caminho de se ser fadista deixou de ser um mergulho, o processo deixou de ser dentro de portas e dentro da alma. No resultado deste viver pela rama de tudo há uma intensidade aliviada no fado. O recurso do foco ser dividido é como uma boia que quanto mais aberta, menos afunda, quanto mais abrangência menos profundidade. E isto aos dias de hoje não significa propriamente menos conquista. Significa, sem dúvida, menos mergulho, menos beber, menos fado.

Desde sempre que, de dentro pra fora, do fado pra fora, vimos artistas e projectos acontecerem, alternativos ao fado, filhos dele, ilhas criadas onde vários elementos do fado estão mas estilizados para uma escolha artística, uma pintura. O fado e as casas de fado viveram sempre como um forte cheio de noção e conhecimento de si próprio, impenetráveis. "O fado nunca morre" e o fado é isto.
A verdade é que depois desta viragem, depois da globalização e de estarmos todos em todos os lugares ao mesmo

tempo unidos pela internet 24h, deixou de ser igual. Não só porque a memória o diz como vejo os mais velhos mais tristes - quem deveria ser a referência, a instituição, espera só por ter oportunidade de cantar e trabalhar entre os mais novos, sem atenção, nem códigos, numa realidade fadista/tecnológica, em que o princípio, inocente, é de que se tenho dentro do meu iPhone o conhecimento do mundo inteiro, não me sinto chamado a beber dos mais velhos, o Google responderá muito mais coisas.
E a questão principal divide as águas - nao é se devo ou não alinhar na tradição oral, é o porquê de eu estar aqui, o porquê dever querer saber. Se vim pela devoção.
Nesta senda do mundo na mão, saber só de fado, mesmo que muito bem, é mal ignorância. Porque o mundo é buéda coisas, tem que se saber de muitos géneros, mesmo pela rama, e não interessa saber a fundo, a rama basta para os objectivos traçados. Trágico.
Perdeu-se a reza. O fado é como o Espírito Santo, está sempre aqui, enorme e vive nas paredes. Não vai desaparecer, mas entregar-lhe a alma, precisar dele pra respirar é uma escolha. E nisto vai o desenvolvimento de um estilo próprio, a criação da personalidade fadista e até da escrita. Quero acreditar muito que é um momento. Queria até que isto fosse só a minha balança emocional avariada e eu um velho do Restelo saudosista.
Mas Lisboa fecha às 23h30, porque os turistas já recolheram e o mundo é cheio de coisas que não o fado. A hora dos fadistas entre si é quase inexistente, entendida de outra forma. Nada dói nem alegra muito. Ninguém quer ouvir ou cantar um fadinho pra sossega. Isto acontece entre quem traz o culto, os códigos e as necessidades, numa noite extraordinária onde todos dizem sentir saudades.
Quem chegou nos últimos anos intriga-me e fascina-me pela hibridez de ser e apesar de não relacionar com ser dos fados, admiro isso mesmo, a hibridez. Será que nos vamos dividir um dia assim? Entre puros e traçados? Os anos passam e isto parece-me uma realidade, fadistó-social.
A candeia de esperança que brilha ainda neste mar confuso é o facto das casas de fado terem sido nos últimos anos tomadas por fadistas e músicos do fado, conhecedores da noite, do fado e filhos da linguagem. São eles agora os responsáveis por regular o pêndulo, o código fadista a cada noite, em soma aos lugares que foram impenetráveis de rigor, como o Faia, o Sr Vinho, a Mesa de Frades ou a



Bela. Acredito nesse movimento.
Acredito que a pulsada fadista seja sempre maior que o imenso ruído, que temos sempre garantido.
Sou positivo e fadista, filho de fadista e olho pra cima para o Paquito, o Manuel Martins, o José Inácio, o Vítor Lourenço, o Fontes Rocha, o Manuel Mendes ou o Carlos Gonçalves e procuro rever-me fadisticamente. A falta de chamamento e a vida a correr fizeram-me estar mais longe das casas de fado e sinto que fazer a minha parte também é estar. Sou dono daquilo que controlo, dos meus gestos, dos meus desejos e da minha obra, seja ela uma loucura musical ou a magnitude de um fado Cravo. Do que ao fado compete a minha dádiva, farei sempre o que me chamar.

FADOS NO PARQUE

Desde a sua inauguração, em 2018, que o **Praia no Parque** se situou no panorama lisboeta como um local de referência, tanto para locais como para quem visita a capital. Além da localização única em Lisboa – em pleno Parque Eduardo VII e ocupando um edifício único na cidade – o **Praia no Parque**, com a sua decoração ao mesmo tempo sofisticada e ousada, é o ponto de encontro de várias pessoas: das que optam por fazer reuniões de negócios enquanto almoçam com vista para o parque até às que gostam de prolongar o jantar numa noite que inclui boa música e alguma dança, passando pelas que querem apenas deliciar-se com o melhor sushi.

Como a cidade não para, há que inovar. Sempre. É o que o **Praia no Parque** tem vindo a fazer há oito anos, desde que foi inaugurado. E é nesse sentido que, desde o início de 2025, apresenta uma proposta diferenciada: as **Terças de Fado no Parque**. Uma outra forma de viver a essência de Lisboa, num espaço habitualmente associado a noites animadas onde não falta o clubbing. Às terças, o ambiente do **Praia no Parque** fica mais intimista e cria-se um momento de escuta durante o qual o fado é vivido com profundidade e respeito.
Em apenas alguns meses, esta iniciativa conquistou o público lisboeta – muitas vezes a sala esgota com antecedência sendo surpreendente a elevada percentagem de espectadores portugueses. Embora o fado atraia muitos dos que visitam a nossa capital, em várias das noites já realizadas o público tem sido exclusivamente nacional, o que revela uma verdade inegável: o fado continua vivo entre os lisboetas e há fome de o ouvir fora dos circuitos convencionais, num espaço confortável, com excelente serviço e central (de fácil acesso).

A ideia nasceu da vontade da equipa do **Praia no Parque**, em conjunto com o promotor de espetáculos e experiências culturais Manuel Marçal, de criar uma proposta que devolvesse ao fado o seu lugar de escuta ativa, provando que o fado precisa apenas de quem o cante, de quem o toque e de quem o ouça, adaptado aos dias de hoje mas fiel à sua essência.

A voz central das **Terças de Fado no Parque** é de Matilde Cid, fadista residente desta iniciativa, responsável por dar consistência estética e emocional ao projeto. Com dois discos editados e presença regular nas principais casas de fado e festivais dedicados a este estilo musical, Matilde combina um repertório exigente com uma entrega honesta e sóbria. Todas as terças-feiras, partilha o palco do **Praia no Parque** com um convidado especial, dando espaço a diferentes vozes e sensibilidades artísticas, numa lógica de diálogo e descoberta.

Já por lá passaram nomes como António Pinto Basto e José Cid. A próxima convidada será a fadista Teresinha Landeiro, dando continuidade a uma programação que cruza gerações, estilos e percursos.

O acompanhamento musical está a cargo de um trio de excelência: Bernardo Romão na guitarra portuguesa, Bernardo Saldanha na viola de fado e Francisco Gaspar no baixo. A sua cumplicidade e talento tornam cada noite irrepetível, permitindo que o fado respire com verdade e liberdade.

Mais do que um espetáculo semanal, as **Terças do Fado no Parque** são também um jantar especial – com um menu com sabores tradicionais – que, em poucos meses, se tornaram um espaço de encontro entre o fado e a cidade.
Um lugar onde Lisboa escuta Lisboa.

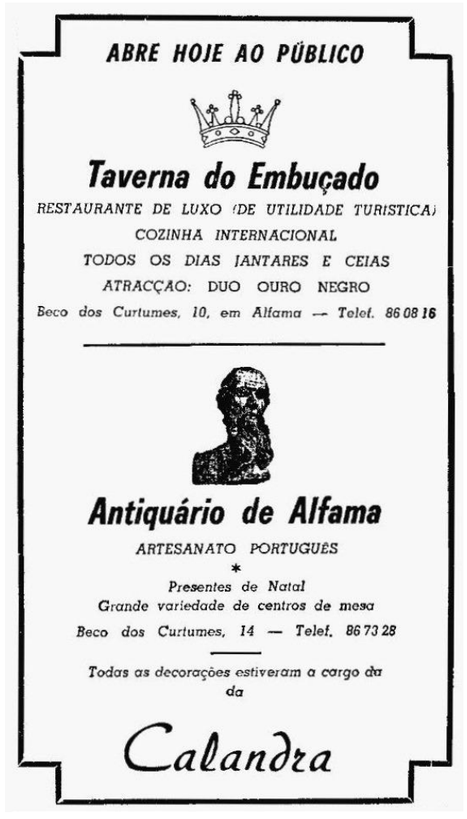
João Ferreira Rosa

por Ricardo Dias

Andava à procura há dois anos. Na década de sessenta não seria difícil convencer alguém em Alfama a desfazer-se de um espaço – ele, nas condições ideais, é que ainda não tinha aparecido. Não sabemos, por isso, se a descoberta aconteceu nos limites da procura, se é que eles existiam: porque poderia o visitante nunca desistir de encontrar.

A Rua do Terreiro do Trigo é larga, mas em 1965 era mais. Ainda tinha a linha férrea do eléctrico e os restos dos estabelecimentos de banhos termais que faziam milagres com a água quente das nascentes que deram nome ao bairro. Desta rua não se via o sítio onde a procura acabou, mas estava a poucos metros dali e escondido onde merecia estar inscrita na parede, como num convite, a descrição de Norberto de Araújo: "Não é do mais belo, mas é do mais «repassado» de tôda a Alfama: chamemos-lhe viela, alfurja, beco ou betesga, mas não chega a ser nada disso; pois nem tem quási sinal de gente. Entremos". Foi isso que João Ferreira Rosa fez.

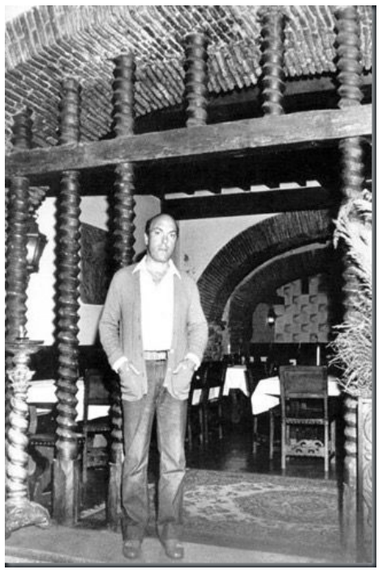
O Beco dos Curtumes tem uma passagem em arco que é a prova da herança medieval do bairro. Visto de fora parecia não provocar ninguém, tal foi a descrição do Olisipógrafo a dar conta da falta de gente, e no entanto bastou que por lá estivesse o homem com quem João Ferreira Rosa combinou a segunda visita à sacaria do fundo: precisava de a voltar a ver, mas sem sacos até ao tecto. Os sinais da arquitectura romana nesse velho armazém de sacas de sarapilheira, juntos com o pedaço da muralha fernandina que resistia lá fora no Beco, faziam com que os séculos da história dialogassem - o que não admira que acontecesse vendo que no Beco dos Curtumes, afinal, não havia muita gente com quem falar. Até ao dia 17 de dezembro de 1965, data da inauguração da Taverna do Embuçado.



O recôndito Beco tornava-se na morada de um dos mais carismáticos restaurantes de luxo de Lisboa. Restaurante de luxo, repita-se, tal como João Ferreira Rosa fazia questão de dizer sempre que chamavam Casa de Fados ao Embuçado. Ainda jovem, com menos de trinta anos, recebeu o convite do Eng.º Álvaro Roquette, à época Director-Geral do Turismo, que sabendo da sua paixão pelo fado e pela arte o desafiou para a abertura de um novo local de referência na zona mais antiga da cidade (até abril de 1966 o Embuçado dividiu as instalações com o antiquário Calandra, sendo sócios de João Ferreira Rosa o pintor Jorge Santiago Corte- Real e a sua esposa, a decoradora Manuela Cintra). A pasta do Turismo do Estado estava disposta a contribuir para a afirmação da Taverna do Embuçado, que no cartaz da inauguração apresentava-se assim: Restaurante de Luxo de utilidade turística. Há 60 anos Alfama já se internacionalizava pelos roteiros do mundo, e logo a partir de um beco escondido por onde começaram também a passar grandes figuras culturais e políticas.

Então e o fado? De trinta em trinta minutos, em articulação com as refeições. E alguns dos Fadistas que por lá passaram ao longo do tempo talvez tenham contribuído para que hoje se recorde mais o Embuçado pelo que representou para a história do Fado do que pela distinção gastronómica: Francisco Stoflel, João Braga, Teresa Tarouca, Vicente da Câmara, Celeste Rodrigues, Maria da Fé, Teresa Silva Carvalho, Carlos Zel - e, mais tarde, Artur Batalha, que João Ferreira Rosa convidou quando ainda era muito jovem. Como se fosse um santuário: o Embuçado tornava-se num dos epicentros do encontro fadista e da cultura de lisboa. Mas há outro nome importante na história da Taverna do Embuçado e de João Ferreira Rosa. Nos primeiros tempos de actividade fazia parte do elenco do Restaurante a fadista Natália dos Anjos, que numa noite cantou – precisamente – o Fado do Embuçado, cuja letra se cruza com o próprio nome do novo espaço do Beco dos Curtumes, deixando no ar uma pista que justifica a coincidência. O poema conta a história de um personagem de mistério que aparecia embuçado (isto é: tapado, disfarçado) para ouvir cantar o fado, descobrindo-se um dia que se tratava do Rei de Portugal. Questionada por João Ferreira Rosa, a fadista explicou-lhe que a inspiração para a letra vinha do Rei D. Carlos I. O monarca adorava fado e a sua envolvência com a canção foi de alguma forma retratada como um laço que o poder dava com o povo.

Coisas que o fado era capaz de fazer. A fonte da explicação era segura: Natália dos Anjos foi companheira do poeta Gabriel de Oliveira, também conhecido por Gabriel Marujo por ter sido grumete da Marinha, autor da letra do Fado do Embuçado (e de outras, como a Igreja de Santo Estêvão ou Há festa na Mouraria), e por quem João Ferreira Rosa tinha forte admiração. Por ele e pelo poema. Resistente às gravações e fiel ao culto amador, só a hipótese de gravar o Fado do Embuçado o convencera a iniciar a carreira discográfica depois de ter resistido às pressões que o seu talento recebia. Embora tenha sido também cantado pela fadista Márcia Condessa, foi João Ferreira Rosa quem o consagrou, e tal como na história do Rei D. Carlos também a da Taverna do Embuçado começara sem que se percebesse bem o que poderia estar ali, ao fundo do beco. Há curiosidades que parecem feitas por Deus.



A história de João Ferreira Rosa está intimamente ligada à da Taverna do Embuçado, mas tudo começara primeiro com o seu amor pelo fado. Falava de Amália Rodrigues, também visita recorrente no Beco dos Curtumes, como a sua grande referência e cantava os seus fados para os colegas da Escola de Regentes Agrícolas de Santarém onde não chegou a acabar o curso. Nunca deu prioridade ao estúdio, que considerava impessoal, e preferiu sempre as gravações em casa. Parte delas, e que viriam a marcar a história do fado, aconteceram em Santo Antão do Tojal. Voltemos à década de sessenta. Depois da descoberta do Beco dos Curtumes, João Ferreira Rosa soube da existência de uma casa antiga em ruínas e com a demolição à vista.

Tal como na antiga sacaria, o primeiro olhar foi determinante para que não desistisse da aquisição e se concretizasse o sonho que a imaginação tinha para aquele lugar abandonado. Nem o desencorajamento da proprietária - uma herdeira de D. José Vaz de Carvalho, Chanceler-Mor do Rei D. João V a quem a casa tinha pertencido - foi suficiente para o fazer desistir da compra. O trabalho de restauro foi feito com a ajuda de pedreiros da aldeia local e em alguns meses o Palácio de Pintéus voltava a abrir as portas. Depois da Taverna do Embuçado, João Ferreira Rosa estava de novo por detrás da origem de um outro lugar de culto do fado, onde a Rádio e Televisão Portuguesa emitiu programas essenciais para a divulgação do fado – como o Pintéus a Preto e Branco – e onde a tertúlia fadista encontrou novo lar. Foi num dos salões do Palácio que gravou, em 1996, o disco Ontem e Hoje, e no qual também se encontra o fado Arraial, cantado na música do Fado Pintéus que João Ferreira Rosa criou para homenagear o templo onde passou grande parte da sua vida – que na última fase foi dividida entre o Palácio de Pintéus e a vila de Alcochete, onde ainda hoje o seu busto encima um dos muros da casa que também lá adquiriu.

A propósito: essa vida que teve como um dos fados principais aquele que o próprio escreveu. Chama-se Triste Sorte e tem um verso que diz "ando na vida à procura".

Pode demorar tanto tempo a encontrar o beco mais escondido de Alfama como essa noite menos escura que traga o luar do céu. João Ferreira Rosa conseguiu encontrar as duas coisas.

A Geração dos anos 80 e o ressurgimento da Canção de Coimbra

*por Jorge Cravo **

Após o ressurgimento da Canção de Coimbra (1978-1980), as referências, na década de 80, deixaram de ser individuais para surgir o grupo como identidade colectiva do desempenho de todos. Por outro lado, esta geração nunca deixou de pensar o futuro da Canção de Coimbra (CdeC). Não se limitando a cantar o Clássico desta Canção, o conteúdo dos discos então gravados pelos quatro grupos mais representativos daquela geração reflectem a preocupação de renovação e inovação que norteou alguns dos seus intérpretes:

"Grupo de Fados e Guitarras de Coimbra": LP 10 anos... uma Serenata (1988), com 11 temas (6 originais, incluindo uma variação) – João Moura (gc), José Santos (v), cantores: António Nogueira, Luís Cartario e Victor Silva

"Grupo Académico de Fados e Canções de Coimbra": LP Canções d'Aqui (1989), com 10 temas originais – António José Moreira (gc) e Henrique Ferrão (gc), José Carlos Ribeiro (v), Luís Miguel Martins (v) e Manuel Pera (v), cantor: Jorge Cravo

"Grupo Toada Coimbrã": Toada Coimbrã (1990), single, com 2 temas originais – António Vicente (gc) e João Paulo Sousa (gc), João Carlos Oliveira (v) e Jorge Mira Marques (v), cantores: Rui Pedro Lucas e Alcides Sá Esteves

"Grupo Praxis Nova": LP Coimbra em Canções (1991), com 13 temas (4 originais, incluindo dois temas populares instrumentais) – Paulo Soares (gc), Carlos Costa (v) e Luís Carlos Santos (v), cantores: Luís Alcoforado e Victor Silva

De salientar que, em 1990, os últimos três grupos gravaram o LP Baladas de Despedida-Anos 80 com as 7 Baladas de Despedida que surgiram durante essa década, ainda com a participação de António Pimentel (cantor).Isto perfaz, num total de 43 temas gravados, 29 originais! Isto é: mais de metade do que foi gravado não existia ainda no repertório da CdeC.

Mas que leitura fazer da geração de 80 através dos discos? Para uma análise o mais objectiva possível, vamo-nos socorrer dos depoimentos de António Manuel Nunes e José Manuel Beato extraídos do livro "Canção de Coimbra – testemunhos vivos" (2003).

Segundo Beato, *"várias foram as tendências estéticas a coabitarem nos anos 80. Por um lado, alimentava-se o neo-romantismo mítico-revivalista, parcialmente justificado pelo entusiasmo do regresso das tradições".* E para Beato, o grupo "Toada Coimbrã" era o seu melhor representante, destacando o tema Alta Noite na Sé Velha (Rui P. Lucas/A. Dias Lucas).

Um revivalismo também visível no "Grupo de Fados e Guitarras de Coimbra", aquando da simulação do ambiente na Sé Velha, no lado A do referido LP, preenchido por temas clássicos, como "Fado Hilário" e "Balada da Despedida do 6º ano médico – 1957/58". No entanto, segundo Beato, este grupo, embora *"cultivando um certo classicismo (...) deixou tentames sérios de inovação em temas como 'Canto a Coimbra', 'Balada a um pescador' ou 'Fado do Amor"*, que fazem parte de um conjunto de 5 originais cantados que preenchem o lado B do LP. De facto, O Canto a Coimbra (Aurelino Costa /Víctor Silva) foi um tema emblemático daquele leque de originais.

Com uma filosofia menos ambiciosa, do ponto de vista da criação de originais, refere-se Beato aos "Praxis Nova" que, segundo ele, *"cultivavam uma tentativa de 'actualização' estética do repertório tradicional, tanto na interpretação vocal como nos (re)arranjos de fados clássicos e baladas. Nesta tendência, preponderava uma remodelação harmónica e rítmica que (...) pecava por um aligeiramento global e pela relativa descaracterização da matriz original. Pena é que este grupo não tenha explorado a criação original, na sequência de canções como 'Coimbra, adeus e noite', com um belíssimo poema de António Vilhena"* musicado por Luís Alcoforado.

Para António Manuel Nunes, a CdeC até meados dos anos 80, *"é (...) protagonizada pelas formações lideradas por João Moura/António Nogueira e por Jorge Cravo/António José Moreira". Ainda segundo Nunes, "cada grupo era livre de optar pela herança considerada mais apta a reforçar os projectos em curso. Nas novas composições do grupo de João Moura notam-se influências de José Afonso (Vítor Silva), Luiz Goes (António Nogueira) e João Bagão (João Moura). Na formação de Jorge Cravo reflectem-se marcas do legado João Bagão/Andias (António José Moreira) e Luiz Goes/Leonel Neves (Jorge Cravo e Miguel Porto)." "Mais ecléticos (e ainda nas palavras de Nunes), os 'Praxis Nova' parecem rentabilizar sugerências de José Afonso/Adriano/António Bernardino (Luís Alcoforado), Carlos Paredes e Octávio Sérgio (Paulo Soares) e de novo José Afonso (no Vítor Silva transferido da formação de João Moura)."* E se, como diz Nunes, *"nem todo o repertório criado pelos grupos do período restauracionista se pode considerar na categoria de 'obra-prima' (melodias e harmonização desinteressantes, vocalizações menos conseguidas, textos de baixo quilate literário, como acontece nas baladas da despedida"*, é, quanto a mim, impossível, negar a evidência de não estarmos a falar de uma geração parada no tempo.

Mas o que ficou da geração de 80 como mensagem cantada? Quais eram as preocupações daqueles jovens de então? A exaltação da cidade como retrospectiva fílmica de lugares e personagens estava presente em "Canto a Coimbra" cantando-se os amores de Pedro e Inês, o Zeca e o Adriano, o Penedo e o Choupal. Mas, como refere Beato, "Elegia para um Choupal" (Jorge Cravo), *"introduz uma substancial novidade: o tema-problema do desencanto face ao universo mitológico-simbólico em progressiva e incontornável dissolução. Estava aberta, uma via de extrema modernidade (...)".* Igualmente os problemas sociais foram preocupação desta geração. Em *Propósito* (Jorge Cravo) dois aspectos que infelizmente continuam a condicionar a felicidade e realização das pessoas eram então denunciados: a fome e a falta de habitação. O destino do Mundo estava também presente. *Pomba Branca* (João Moura) espelha a dicotomia imposta ao planeta por duas superpotências que colocavam no xadrez da guerra países terceiros como peões. Uma pomba branca que, tal como a Paz neste mundo, nunca mais se via... e se demora a ver. O mar sempre foi um recurso temático na CdeC. *Balada a um Pescador* (João Moura), retrata a faina menos conseguida dos homens do mar com a morte de permeio. E o amor? Como foi cantado pela geração de 80? Como uma saudade fria na hora de partida, de que é exemplo o *Fado do Amor* (Carlos Caiado), ou, na continuação de *"O meu desejo"* de Luiz Goes, o tempo era de cantar a sensação *"demoradamente virgem e louca"* de um beijo, no tema *Formas* (Miguel Porto/Jorge Cravo)?

> *A exaltação da cidade como retrospectiva fílmica de lugares e personagens estava presente em "Canto a Coimbra" cantando-se os amores de Pedro e Inês, o Zeca e o Adriano, o Penedo e o Choupal.*

Como refere Nunes, *"nenhuma das formações juvenis activas em Coimbra nos Anos 80 conheceu o aplauso público e a consagração mediática votada ao grupo Brojo/Portugal e a Fernando Machado Soares"*. De facto, embora com algumas aparições nas televisões nacionais e internacionais, só em 1989 é que a geração de 80 participou numa série televisiva intitulada "Canção de Coimbra – anos 80". As serenatas da Queima mereceram transmissão televisiva apenas em 1985, 1987 e 1989. Quanto à Rádio: a RDP/Centro sempre teve um carinho especial pela CdeC graças ao notável trabalho de Sansão Coelho, chegando mesmo a contar, entre Maio e Julho de 1989, com um programa realizado por um cultor dos anos 80 que entrevistou vários intérpretes dessa geração, só passando temas gravados pelos seus grupos. Também a RUC, por meados dos anos 80, avançou com um programa sobre CdeC, graças ao pioneirismo de António Ribeiro. Mas, tudo isto foi sempre muito curto para aquilo que a Geração de 80 deveria ter usufruído!

À laia de conclusão, escreveu José Manuel Beato, *"à geração de 80 coube o mérito de, com coragem e determinação, reanimar o fluxo histórico duma tradição desacreditada e abandonada, e entregar à geração seguinte, sem rupturas e em crescendo, o testemunho vivo do canto académico de Coimbra"*. E a melhor prova de que alguma coisa se aproveitou da geração de 80 está na *Balada da Despedida do V ano jurídico de 1988/89* (A. Vicente/ J. Paulo Sousa; Rui P. Lucas) que aí perdura já por anos e anos!

* Licenciatura em História e especialização em Ciências Documentais pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Bibliotecário na Biblioteca Municipal de Coimbra. Cultor da Canção de Coimbra com a edição de vários discos, livros e artigos no âmbito desta Canção.

Cultor da Canção de Coimbra, Bibliotecário na Biblioteca Municipal de Coimbra, autor do livro 'Sobre a Canção de Coimbra' (Junho 2024), autor de vários artigos sobre a Canção de Coimbra em jornais e revistas. Discografia: Canções d'Aqui (1989), Folha a Folha (1999), Canções d'Inquietude (2005), Canções d'uma cidade e d'um rio (2010)

João Domingos entrevista Marco Rodrigues

Começamos esta conversa por algo que eu sei que é importante para ti. Consideras que no plano atual da música portuguesa, é importante que o artista que canta, deva ir mais além e procurar desenvolver-se como músico, como compositor, ou seja ter um maior número de ferramentas para a arte que faz?
Claro, no panorama atual da música é importante que um artista que canta, deva ir mais além e desenvolver-se como músico, compositor, para ter o maior número de ferramentas para a arte que faz.
O facto de nós sermos intérpretes não invalida, podermos também ser músicos e acho que durante algum tempo isto foi separado.
E a verdade é que eu não preciso de tocar nos meus concertos, mas ao mesmo tempo as noções musicais que eu vou adquirindo vão ajudar na forma como eu quero que os próprios músicos apresentem os temas...
Todos os músicos que tocam comigo são músicos profissionais que leem (partituras, cifras) muito bem, ao contrário de mim que não leio, tenho de dar duas horas para cinco compassos a tentar ler aquilo (risos).

Mas a verdade é que consegui evoluir a minha parte de ouvido e a minha parte menos teórica, mas mais prática, ao ponto de poder explicar aos músicos aquilo que eu quero ou aquilo que eu acho que faça sentido.
Portanto, sim, faz todo o sentido que nós (os intérpretes), musicalmente podermos também evoluir, não sermos só intérpretes, e isso é uma das coisas que nos vai fazer evoluir, também como artistas.
Percebemos a textura que está à nossa volta, percebemos o tipo de arranjo, o tipo de dinâmica que é preciso para a interpretação, portanto tudo isso é uma grande mais-valia e eu acho que todos os músicos, aliás, todos os intérpretes deveriam pelo menos aprender a tocar minimamente um ou dois instrumentos, sem dúvida.

Esta foi uma das tuas preocupações, logo no início da tua carreira?
Não, foi muito natural. Não foi uma preocupação, até porque quando cheguei a Lisboa a única coisa que eu tinha feito a nível musical com o meu pai foi tocar percussões em alguns temas que cantava com ele. Sabia tocar congas, pandeireta, esse tipo de instrumentos mais percussionistas, porque nós tocávamos muita música latina também, e a essa altura eu acho que isso acabou por me ajudar.
De todo, não foi mesmo preocupação, até porque eu acho que dos 8 aos 15 anos até vir para Lisboa, o meu meio era demasiado amador, digamos assim, ou seja, bastava teres algum talento para cantar ou algum talento para tocar e a partir dessa altura já eras músico, uma coisa que eu vi a se repetir no meio do Fado.
Mas preocupação em aprender urgentemente a tocar algum instrumento, isso não foi, até porque no Norte, era de tudo muito amador, a minha preocupação foi a partir do momento em que comecei a cantar Fado, e comecei a perceber que o ser músico de Fado não passava só por ser algo muito simples, como era a forma como as pessoas olhavam para esta música. E a partir do momento em que comecei a ver músicos de Fado, violas, guitarras, a tocarem à minha frente, comecei a perceber que aquilo tinha muito mais sabedoria do que as pessoas naturalmente diziam.
Logo, aí começou a ser uma preocupação. Eu comecei a perceber que se evoluísse também como músico ia conseguir evoluir muito mais como intérprete também, portanto, só a partir daí é que isso começou a ser uma preocupação, na altura em eu que tocava com o meu pai isso não era uma preocupação, era uma coisa inata, digamos assim, ou seja, fazia parte de eu cantar.

Conviver com alguns dos maiores símbolos da história do Fado, como tu pudeste conviver, inspirou de que forma a tua obra?
Inspirou muito, até porque eu acho que a minha geração é uma geração privilegiada em relação à geração que veio a seguir. Porque quer queiramos, quer não, estamos a falar de uma música tradicional, que tem as suas características, tem a sua textura, tem a sua forma de viver, tem o seu percurso, tem o seu passado. E fazer esta música e não conhecer pessoas que fizeram desta música grande, não conhecer o percurso, não conhecer o passado, não ter vivido algumas coisas, já é uma desvantagem para a geração seguinte. E eu sinto que o facto de ter conhecido o Fernando Maurício, o facto de ele ter ido ter comigo ao Luso para me ouvir cantar o "Acho inúteis as Palavras", ele até me pedia muitas vezes para cantar este tema que ele gostava muito de ouvir. O facto de ter ouvido na Tasca de Chico, a Beatriz da Conceição a cantar a Pomba Branca, o facto de ter passado também algumas noites a ouvir a Maria da Nazaré, tudo isto são coisas que sem dúvida são enriquecedoras. Perante a abordagem musical que nós, da nossa geração tínhamos, conseguimos perceber como é que era a abordagem musical destas pessoas, que foram ícones e que foram símbolos desta música, portanto, sem dúvida que foi enriquecedor, sem dúvida que também ajudaram a fazer o intérprete que eu sou hoje, e gostava mesmo que as novas gerações também pudessem ter esse privilégio.

Neste último trabalho discográfico prestas um tributo a um homem que te marcou e que marcou para sempre a obra da música portuguesa. De que formas Carlos do Carmo foi uma figura central na tua carreira, conta-nos os primeiros contactos que tiveste com este nome maior da música portuguesa?
O meu primeiro disco é um disco que se chama Fados da Tristeza Alegre, exatamente por causa de um tema do Carlos do Carmo, feito pelo José Luís Tinoco, que se chamava Canção da Tristeza Alegre. Para mim, e se calhar na altura pela minha jovialidade, para mim fazia sentido fazer um disco leve, ou seja, não um disco ao nível do Fernando Maurício, não um disco ao nível do Carlos do Carmo, um disco leve, ou seja, é um fadista, mas é um fadista a interpretar de uma forma um bocadinho mais leve uma música que é pesada, de uma forma geral, então, tive a felicidade de conhecer o Ricardo Cruz, que foi o produtor do meu primeiro disco, que me ajudou a fazer um disco exatamente à imagem daquilo que eu queria. Fui uma altura ao Speakeasy, e na altura o Gil do Carmo, ou seja, o filho mais novo do Carlos do Carmo, era o proprietário do bar, e eu como frequentava este bar muitas vezes com o Nando Araújo e com alguns amigos do panorama musical, houve uma altura em que, como o Ricardo Cruz também fazia uns concertos de jazz, propôs-me a lançar o meu primeiro disco no Speakeasy. O Gil do Carmo naturalmente falou com o Carlos do Carmo e com a mãe e disse-lhes para irem ver o lançamento do disco de um fadista novo. E o Carlos do Carmo foi, com a Judite. Fizemos a apresentação do disco, e claro, quando vi o Carlos do Carmo fiquei nervosíssimo.
Mas fizemos a apresentação do disco e no final eu fui ter com ele com um disco na mão, para lhe entregar um disco, e disse-lhe, olhe Carlos, eu gostava muito que me desse a sua opinião, até porque é uma referência para mim, como vê este disco, que se chama Fados da Tristeza Alegre, e eu gravei a canção da Tristeza Alegre, do seu disco Margens, e gostava muito de ouvir a sua opinião, portanto, ouça quando tiver a oportunidade e diga-me a sua opinião. O Carlos do Carmo levou o disco para casa e passados dois meses convidou-me para fazer um concerto com a Ana Moura e com ele. Eu abri o espetáculo, a seguir era a Ana Moura e no fim era o Carlos do Carmo. No final, fui falar com o Carlos do Carmo e perguntei-lhe: "olhe Carlos, já passaram dois meses, depois de eu lhe ter entregado o disco e gostava de lhe perguntar se gostou, se não gostou, qual é a sua opinião, gostava muito de saber, era importante para mim!", o Carlos do Carmo disse-me: olha Marco, eu tenho-lhe a dizer que, se calhar o que eu lhe vou dizer não é aquilo que você quer ouvir, mas, o disco está demasiado pesado para a sua idade, é um disco um bocadinho pesado, eu acho que você não tinha necessidade de estar a fazer como primeiro disco um disco deste género, portanto, se calhar tem que rever a sua forma de olhar para a música". Como deves calcular, a opinião do Carlos, para mim foi algo que me marcou, eu tive duas semanas quase sem cantar, fiquei a pensar que estou a começar um caminho, mas já estou a começar pelo caminho errado. Foi a minha maior referência que me disse isto! Passado algum tempo o Carlos do Carmo liga-me e diz-me: "Olá Marco, olhe daqui quem fala é Carlos do Carmo! Era somente para lhe pedir desculpa, porque a opinião que eu lhe dei era uma opinião completamente oposta, porque o disco que eu ouvi foi de um outro colega seu, e que efetivamente a minha opinião continua a mesma em relação a esse disco, mas o seu disco eu acabei de ouvir agora, por isso é que lhe estou a ligar, parabéns, um belo disco, um disco muito leve, muito jovem, tal como eu achava que você tinha que fazer, parabéns pelo trabalho!". Bem, esta chamada, para mim, foi uma coisa inacreditável, melhor ainda foi perceber que o Carlos do Carmo, ao contrário de grande parte da geração dele, nessa altura no Fado, se preocupava com este trabalho, de cuidar da nova geração, de dar con- >

> *Eu comecei a perceber que se evoluísse também como músico ia conseguir evoluir muito mais como intérprete também...*

fiança à nova geração, porque ele poderia muito bem esperar por me encontrar no meio, mas não, foi à minha procura, foi à procura do meu número de telefone para me ligar, para dizer que tinha cometido um erro. Porque aquilo efetivamente mexeu com o meu futuro, era muito importante ouvir o Carlos do Carmo a dizer isto, eu aprendi a cantar Fado através do Carlos do Carmo, era muito importante para mim, portanto isso só demonstra o ser humano que ele era, para além do músico e do intérprete principalmente que ele era, demonstra o ser humano e a preocupação que ele tinha com as novas gerações.

Olhando para fenómenos como o de Carlos do Carmo, consideras que o caminho artístico necessita sempre de algum risco e ousadia, com uma grande vontade de fazer coisas diferentes e novas?

Olha, eu considero que o que é preciso muito mais é de pôr verdade no que fazemos. De acreditarmos na nossa verdade, do que estarmos a achar, que temos simplesmente de ter ousadia. Como já faço discos há muitos anos, há uma coisa que eu tenho em mente. Não devo contrariar aquilo que eu gosto, mesmo achando que possa ser menos tradicional ou mais tradicional, para mim a música tem uma textura e tem de ser vista individualmente. Eu sou fadista, efetivamente, mas não nasci em Alfama, nem nasci no bairro Alto, até chegar ao Fado tive uma série de influências que fazem de mim o músico que eu sou hoje.

> *Gosto de uma série de géneros musicais e quando eu componho ou faço música naturalmente, para mim, o mais importante é a minha verdade, que é a verdade daquilo que eu gosto...*

Eu gosto, mas não me identifico somente com o Fado. Gosto de uma série de géneros musicais e quando eu componho ou faço música naturalmente, para mim, o mais importante é a minha verdade, que é a verdade daquilo que eu gosto, daquilo que eu consumo oiço e daquilo que faz de mim o intérprete que eu sou, porque era impossível ser o intérprete que eu sou sem ter ouvido as músicas que eu ouvi, sem ter ouvido em dada altura, maioritariamente, música brasileira, como Elis Regina, como Tom Jobim, como Vinicius de Moraes, como Chico Buarque, como Milton Nascimento, portanto, isto foi muito importante para a minha construção enquanto músico, enquanto fadista, enquanto artista e enquanto intérprete.
Posteriormente, tive de conhecer a música que eu cantava e que eu tocava, que era o Fado, conhecer as pessoas que o fizeram, como fizeram, a forma diferente de o fazer, as características, o que era um Fado tradicional ou um Fado musicado. Tudo isto que tu felizmente hoje em dia também sabes, mas o que eu acho que me fez manter até hoje foi efetivamente uma verdade. Depois de conhecer isto, há dois caminhos. Há as pessoas que gostam e as pessoas que não gostam da tua verdade, eu não posso deixar de fazer a minha verdade a nível musical e a minha verdade a nível musical passa pelo Fado como base, mas também passa pelo Pop, pelo Rock, pelo Jazz, por uma série de coisas que eu ouvi, que eu gosto e que fazem de mim o músico que eu sou hoje.

As tuas raízes são um lugar onde te inspiras vezes sem conta enquanto cantas? De que forma elas traduzem o Marco Rodrigues que hoje conhecemos?

Olha, eu acho que vai tudo dar ao mesmo ponto, nessa pergunta, porque o Marco só existe porque nasceu em Amarante, viveu em Arcos do Valdevez e chegou aos 15 anos a Lisboa e o Marco que hoje em dia existe é também esse Marco. Foi construído através desse percurso, através geograficamente dessas zonas.
Eu tive uma infância de aldeia, tive uma infância com uma liberdade incrível em que nadava no rio, em que ia ao campo de futebol jogar à bola, andava de bicicleta sem travões atrás, jogava ao berlinde, portanto isso também é parte de mim hoje em dia.
É parte de mim, a paixão que eu tive pela música quando estive em Arcos de Valdevez e quando estava com o meu pai e fazia parte da banda do meu pai, aí sim eu comecei a perceber que a minha grande paixão era a música, com o percurso que eu fiz com o meu pai, tínhamos mais de 100 atuações, entre casamentos, batizados, arraiais, tudo o que possas imaginar.
Eu lembro-me de ver a agenda do meu pai e todos os anos tínhamos 100, 115 atuações, claro que isso é experiência, isso é percurso, isso faz de mim aquilo que eu sou hoje.
Foi muito importante para o meu caminho no Fado quando eu comecei a cantar Fado, o facto de eu ter começado numa casa de Fados com um palco, como é a casa Café Luso, eu não caí de paraquedas em cima de um palco, eu já tinha feito centenas, se calhar milhares de palcos, ao contrário da maior parte dos meus colegas de Fado, parte deles quando iam ao Luso cantar tremiam porque era um palco com 7 metros, com 200 e tal pessoas à tua frente, para mim aquilo já era normal, já estava habituado, e as condições eram maravilhosas em relação àquilo que eu tinha... eu tinha palcos mal cobertos em que caía chuva dentro do palco, tínhamos animais a passar de repente em cima do palco, porque o palco foi construído em cima de um caminho de cabras, portanto quando eu cheguei a Lisboa, eu tinha esse background desses arraiais, casamentos, batizados em que as condições eram muito amadoras e eu tinha que cantar na mesma, portanto eu acho que isso sem dúvida é uma mais valia e tudo isso fez de mim o músico que eu sou hoje e o cantor que eu sou hoje e a forma como eu hoje consigo estar perante o público.

O Arcos Fado Fest produzido por ti em Arcos de Valdevez, levando bastantes pessoas a concentrarem-se nesses dias em torno do Fado, é a forma de levares a casa e às tuas origens, parte da tua história?

Olha, pode ser visto dessa maneira, como também pode ser visto como um sonho, até porque para mim, perante tudo aquilo que Arcos de Valdevez já me deu, todo o carinho que Arcos de Valdevez tem por mim, toda a admiração, todo o afeto que têm por mim, já há uns anos a esta parte que eu estava a tentar perceber como poderia retribuir.
E surgiu-me a ideia de criar um festival de Fado já que, depois do Caixa Ribeira, que foram duas edições, ou seja, dois

anos, não houve um festival de Fado mais aproximado dessa região, que seria no Porto.
A verdade é que o Alto Minho também tem vida, para além do Porto.
E depois de muitos concertos que fiz em Arco de Valdevez, e de uma ligação enorme com a terra, com as pessoas da terra, com os presidentes, com a parte da cultura, e depois de muita insistência minha, efetivamente, apareceu a possibilidade de nos podermos juntar aqui para fazer um festival de Fado, juntar aqui uma coisa que para mim fazia todo o sentido, que foi o que eu propus. Já que nós temos aqui um festival dedicado ao vinho verde, que é o vinho regional da região do Minho, porque não, visto que o festival só dedicado ao vinho verde está praticamente morto, há pouca gente a frequentá-lo, porque não pegarmos neste conceito e juntar o Fado, e aproximarmos o Fado da zona norte, mas norte mesmo, onde temos a aproximação das pessoas da Galiza, onde temos Viana do Castelo, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Monção, Valença, Paredes de Coura, temos ali uma série de zonas que anseiam também conhecer algo do Fado.
E a verdade é que eu consegui, através do município, porque é incansável na parte cultural, consegui juntar, não o vinho maduro que está naturalmente associado às noites de Fado, para associá-lo ao vinho verde. E trazer o Fado para o vinho verde é quase aproximar o Fado das pessoas que, se não forem a Lisboa, a uma Casa de Fado provavelmente não iriam ter esta possibilidade.
Isso para mim é espetacular, porque tenho sentido o feedback das pessoas, o agradecimento das pessoas em relação a isso, tenho a perfeita noção que há muita gente apaixonada por Fado nessa zona que não tem proximidade nem com o Fado, nem tão pouco com os instrumentos de Fado, e para mim é um privilégio e uma mais-valia poder ter uma aproximação e um contacto direto com o município de Arcos de Valdevez, que tem uma agenda cultural notável, que tem uma série de eventos durante o ano, que aproxima a cultura das pessoas, e o meu sonho era efetivamente poder ter um festival de Fado, que é a música que faz parte da minha carreira.
Felizmente este ano estamos novamente com um bom cartaz no festival, e espero por todos nesta edição.

Uma das características mais importantes para ti enquanto ser humano e que tem sido importantíssimo nos últimos anos no Fado, é a capacidade de abraçar o próximo, com sentido de o motivar a acreditar que tudo é possível! És o responsável por muitos músicos e fadistas da nova geração terem lugar e crescerem no espaço artístico. Motiva-te ser responsável ou ajudar a estas conquistas de tantos outros e de que forma isto também foi importante que te fizessem no início da tua carreira?

Deixa-me muito contente porque quando estamos a falar de uma música tradicional em que se tem de conviver com as pessoas do próprio meio ou seja temos de construir "jovens" do meio porque ao contrário de outros géneros musicais que existem em todo o mundo como o Pop, o Rock, o Jazz, o Heavy metal... o Fado não! O Fado existe em Lisboa, existe em Portugal. Se nós não tivermos essa preocupação em reconhecer pessoas ou miúdos com talento que estão em início de aprendizagem ou se nós não tivermos essa capacidade de "puxar" por eles, se acharmos que só o que foi feito no passado é que é bom, e que mais ninguém conseguirá fazer algo com qualidade para o futuro, em breve deixamos de ter Fado e a verdade é que eu sou um privilegiado em várias coisas, nas pessoas que me reconheceram no passado, e as pessoas que eu próprio reconheço no presente/futuro ! Eu conheci pessoas incríveis, miúdos incríveis tu és um deles, o Buba Espinho, outro, o Bruno Chaveiro, o Rui Poço, o Nelson Aleixo, o Pedro Viana, o Bernardo Viana...etc.. são todos "miúdos" que eu fui apaixonado e percebi que eles também tinham muito a ajudar-me, porque efetivamente todos vocês acabaram por musicalmente me enriquecer pela vossa jovialidade, pela vossa forma de ver as coisas, pela vossa forma de tocar...Portanto mais do que eu achar que fiz alguma coisa por vocês, eu acho que foi uma partilha.
Vocês também fizeram muito por mim porque todas estas pessoas que eu estou a falar, à exceção se calhar do Buba, mas todas essas pessoas de quem estou a falar fizeram parte da minha carreira e fazem parte do meu percurso, tocam ou tocaram comigo e portanto sinto-me muito feliz por ver miúdos com o vosso talento a singrar e a terem muito sucesso. Já nessa altura eu achava que vocês iam evoluir ao ponto de as pessoas terem de vos dar importância e terem de olhar para vocês da forma que deveriam olhar e a verdade é que vocês estão todos no mercado com muito fulgor e isso deixa-me muito feliz.

E brevemente o que é que nos podes revelar do que vais andar a fazer?

A nível de concertos vamos ter um ano incrível, felizmente.
Mais um ano, é o segundo ano com esta turné de homenagem ao Carlos do Carmo, mas grande parte dos concertos deste ano também vão passar por um apanhado de temas que foram sucesso nas nossas turnés e que fazem parte também do meu percurso.
Portanto, temos um ano cheio de trabalho, felizmente, temos um ano onde este disco se vai manter vivo, de homenagem ao Carlos do Carmo, mas vamos ter também temas de festivais e alguns concertos maiores, onde também já vamos adicionar temas dos outros discos, com uma formação um bocadinho diferente. Esperamos, agora estou a fazer alguma promoção também em relação a este tema novo do Festival da Canção, tema esse que vai entrar no momento do nosso concerto e, no fundo, é um ano de continuidade e de algumas coisas novas que se vão adicionar e, se calhar para o próximo ano, começamos a pensar já num próximo disco.

A chegar agora aos 25 anos de carreira, sentes-te grato por isto tudo que tem acontecido pela tua carreira?

Sinto-me grato.
Sinto que o mais difícil neste meio fadista é conseguires-te manter, como homem, a cantar Fado com carreira, porque se formos a ver há poucos homens, a comparar com as mulheres, que consigam manter uma carreira que não seja obrigatório passar pelas casas de Fado.
E isso deixa-me muito grato.
Deixa-me grato o facto de perceber que já deixei o circuito das Casas de Fado há mais de 6 ou 7 anos, consigo manter-me >

depois desta pausa, se calhar, está a começar a chegar a altura de vez em quando, juntar um grupo de pessoas da minha geração para irmos aos Fados outra vez.

E essa força e a tua honestidade artística são as marcas que gostarias que ficassem de ti, daqui a muitos anos, quando se escutar a tua obra?

É uma boa pergunta, mas olha, eu acho que a força e a honestidade ficam para algumas pessoas. É claro que sim, que eu quero muito que as pessoas que partilham a vida comigo fiquem com essa imagem minha, mas para além disso, também quero que a minha música transmita isso mesmo às pessoas que não me conheceram e que nem sequer se cruzaram comigo durante a vida. Até porque eu tenho feedback de pessoas que me mandam mensagens, muitas vezes quase a chorar e a agradecer a forma como a minha música mexe com elas e ajudou em alguma situação das suas vidas.

Eu acho que o principal legado de um pintor são os quadros que ele deixa e o principal legado de um músico é a música que ele deixa também, é exatamente isso que eu quero. Eu quero que as pessoas que partilham a vida comigo me lembrem como um ser humano e as pessoas que ouvem a minha música me lembrem pela música que eu faço.

João Domingos, nascido a 14 de janeiro de 1998, em Lisboa, começou a interessar-se por música aos 10 anos, ouvindo e pesquisando por diversas estilos musicais. Foi aos 16 anos, depois de ser incentivado pelo seu primo (o fadista Marco Rodrigues), a aprender viola de fado, ganhou uma grande paixão pelo fado.

Depois de estar a aprender, como autodidata, durante 2 anos, começou a estudar guitarra clássica com o Professor José Carvalhinho. Posteriormente, estudou também com o Professor Júlio Guerreiro.

Toca assiduamente em casas de fado, tais como Fama de Alfama, Fado ao Carmo, Senhora do Fado, Adega Machado , etc.

Tem estado presente em diversos Palcos nacionais e internacionais, com diversos artistas, tais como Dulce Pontes, Marco Rodrigues, Sara Correia, Beatriz Felício, entre outros.

no mercado com turnés. Também já me está a fazer alguma falta ir ao Fado. Ou seja, eu costumo dizer que eu vivo do Fado, mas não no Fado... E agora, se calhar, está-me a começar a fazer alguma falta de vez em quando voltar ao circuito do Fado. Porque isto é uma linguagem, esta linguagem quer queiramos quer não é alimentada nas casas de Fado, é alimentada no circuito fadista. E eu, entretanto, depois de ter filhos, deixei um bocadinho o circuito fadista. Portanto, se calhar, agora que os meus filhos já começam a ficar um pouco maiores, se calhar, de vez em quando, deverei voltar outra vez ao circuito para ir ouvir, principalmente para ir ouvir, mais do que cantar. Cantar não é o importante. O importante é mesmo ir ouvir, conhecer também malta de uma nova geração que eu ainda não conheço. Mas fico muito feliz com o percurso, eu tenho quase 17, 18 anos de Casas de Fados maiores, de gestão artística, e agora,

3,4,5,6 JUL
AMÁLIA
Fundão 2025 festival
RODRIGUES

PALCO | PRAÇA AMÁLIA RODRIGUES |
PALCO | CAPELA DO CALVÁRIO |
PALCO | ASSOCIAÇÃO FADO CALE |

3 A 6 DE JULHO | FUNDÃO

22H30 ▶ 3 JULHO
MARCO RODRIGUES

22H30 ▶ 4 JULHO
SARA CORREIA

22H00 ▶ 5 JULHO
MATILDE CID

23H00 ▶ 5 JULHO
TÂNIA OLEIRO

18H45 ▶ 6 JULHO
COIMBRA EM SERENATA

23H00 ▶ 6 JULHO
HÉLDER MOUTINHO

15H30 ▶ 5 JULHO
ESART
NOVOS TALENTOS ESART

16H30 ▶ 5 JULHO
FACALE DO
ALUNOS AFC

21H00 ▶ 6 JULHO
AMÁLIA 11º RODRIGUES concurso de fado

ASSOCIAÇÃO FADO CALE | SESSÕES
00H00 | 02H00 ▶ 3,4,5 JULHO
Rua da Cale nº33 - Fundão

FESTIVAL GASTRONÓMICO
"FUNDÃO, AQUI COME-SE BEM"
RESTAURANTES ADERENTES | CIDADE DO FUNDÃO

FADISTAS LOCAIS
▶ 4, JUL JANTAR
▶ 5, JUL ALMOÇO / JANTAR
▶ 6, JUL ALMOÇO

CÂMARA MUNICIPAL
fundão 365 dias à descoberta
FEIRA DE INOVAÇÃO AGRÍCOLA
FACALE DO

www.festivalamaliarodrigues.pt
fadocale@gmail.com

PUB

HÁ MUITAS RAZÕES PARA SER ASSOCIADO MONTEPIO. QUAL É A SUA?

Desde 1840 que acompanhamos os portugueses com soluções de poupança e proteção que preparam o futuro e apoiam o presente, em todas as fases da vida.
Se ainda não conhece as vantagens que podem mudar a sua vida, vai querer conhecer todas as razões para estarmos consigo.
Com mais de 600 mil associados, somos poupança, proteção, saúde, experiências, cultura, e muitas outras vantagens que são a razão para tudo o que alcançamos, juntos.

Montepio
Associação Mutualista

Saiba mais em
montepio.org

Montepio Geral Associação Mutualista . IPSS. DGSS n.º 3/81 . NIPC 500 766 681
Sede: Rua Áurea, 219 a 241 . 1100-062 Lisboa